

Aula 3

A FORMAÇÃO DOS BLOCOS REGIONAIS NOS PAÍSES PERIFÉRICOS

META

Nesta aula o aluno será capaz não apenas de conhecer os principais blocos econômicos e políticos regionais formados. Isso ele pode fazer até pesquisando via internet. Mas principalmente entender o porquê da necessidade da formação desses blocos e que importância estratégica os mesmos possuem dentro da concorrência capitalista contemporânea.

OBJETIVOS

- Ao final desta aula, o aluno deverá:
 - Identificar alguns blocos regionais de grande relevância econômica formados por países da periferia do capitalismo, bem como de organizações supranacionais que o identifiquem em relação as organizações mais conhecidas.
 - Abordar criticamente a natureza desses blocos no cenário da divisão internacional do trabalho e que papel possui na organização dos países periféricos.
 - Analisar o papel do Brasil nesse processo de formação de blocos econômicos regionais e da inserção dos chamados países emergentes na organização desses blocos.

PRÉ-REQUISITO

O requisito para cursar essa disciplina é domínio da história e da geografia econômica, além das categoriais centrais da Geografia, como espaço e território.

José Eloízio da Costa

INTRODUÇÃO

Estudar os países periféricos não significa apenas analisar problemas sociais e econômicos e sua dependência em relação aos países mais ricos (esse será o tema da próxima aula. Mas entender que dentro deles seu processo de desenvolvimento econômico pauta-se por uma nova dinâmica interna que não seria mais a subserviência a quem realmente manda no Planeta.

Dessa forma, esta aula pretende analisar qual o sentido da organização desses países e que aspectos podem ser extraídos como estratégia de superar os velhos problemas encontrados nessas regiões.

O nosso interesse na presente aula é ir além do óbvio que conhecemos na literatura geográfica sobre os Blocos Econômicos Regionais localizados nos países periféricos, e tentar abordar elementos que possam articular com a realidade do mundo contemporâneo e saber que tudo isso é um processo e que estar sempre em movimento e transformação. Assim, a temática da aula não seria meramente decorativa de expor os principais blocos econômicos existentes.

Desse modo, dividimos a aula em dois momentos. A primeira, na tentativa de construção de uma definição sobre a natureza e sentido da formação desses blocos e a segunda na diferenciação operacional desses blocos e das disputas internas existentes entre os países membros.

Vamos à aula.

No primeiro momento sabemos que a dinâmica capitalista é marcada pela intensa mudança em seus processos produtivos, econômicos e sociais, sempre permeadas por crises e tentativas de superação. O que torna interessante na medida em que temos consciência que o mundo é desigual e essa desigualdade obriga que os mais fracos se organizem para não perderem espaço para os mais fortes. Daí o interesse em se unirem para uma determinada causa, principalmente de natureza econômica, ou isoladamente não sobreviverão.

Assim, nessa primeira parte desenvolvemos o mais claro possível para o aluno de ensino à distância qual a natureza e o sentido real da formação de blocos econômicos como MERCOSUL, NAFTA, APEC, etc.

DE ONDE VEM ESSE INTERESSE DOS PAÍSES PERIFÉRICOS SE ORGANIZAREM EM BLOCOS?

A história da organização dos países periféricos em blocos regionais, efetivamente é de data bem recente, mesmo que experiências já tenham sido realizadas já há algumas décadas e que não tenham sido tão bem sucedidas.

A formação da ALADI, que reunia países da América Latina na década de 50 do século passado, sua criação pautou-se pela maior proximidade entre

os países integrantes da região. Entretanto, as pretensões eram fracas e não havia interesse no fortalecimento comercial desses países na medida em que os mesmos passavam por governos nacionalistas e eram mais resistentes a ofensiva socialista a partir do estabelecimento da Guerra Fria, entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Observa-se, no entanto, que o Pacto Andino, criado em 1969, tornou-se a organização internacional mais antiga entre os países periféricos, persistindo até os nossos dias. Mais uma vez as pretensões não poderiam avançar, quando eram países economicamente pobres até mesmo entre os países latino-americanos. Apesar dessas limitações, é evidente que sua continuidade demonstra o interesse dos países membros em realizar essa proximidade em função do poder econômico e político dos países do capitalismo central.

É bom o aluno lembrar que estamos analisando todo esse processo valorizando aspectos principalmente econômico-financeiros e não políticos, mesmo sabendo que essas organizações internacionais tenham como base a representação política de seus países-membros através de seus presidentes, ministros da área econômica e ministros das relações exteriores.

Nesse item observamos que o interesse real dos países periféricos em organizarem em blocos regionais não vem como pretensões tão antigas assim, e sim uma realidade a partir do avanço organizativo dos países centrais, da maior globalização econômica e principalmente do caráter competitivo entre os países na esfera comercial.

Mais uma vez, o aluno deve perceber que instâncias comerciais e financeiras supranacionais como OMC, FMI e BIRD não integram esse estudo, e podemos dizer que infelizmente são poucos os trabalhos relacionados aos blocos regionais econômicos dentro da Geografia, sendo mais assuntos articulados no segmento das Relações Internacionais e de áreas afins.

O SENTIDO DA ORGANIZAÇÃO DOS PAÍSES PERIFÉRICOS, POR QUÊ?

Uma realidade o nosso aluno deve perceber: geralmente os pobres não estão propensos a se organizarem entre si, mesmo sabendo da força política quando esse processo se materializa. Porém, no âmbito político a pretensão é bem mais fácil quando fortes interesses comerciais entre os países são determinantes e empresários desses países querem evitar a concorrência internacional de seus produtos com os similares comercializados de empresas estrangeiras sediadas nos países centrais.

Ou seja, muitas vezes a inserção desses países em busca do protecionismo comercial e econômico, não tem dado certo em função do velho dilema das chamadas formas de dependência econômica em relação aos países ricos, que por sinal podemos observar essa ilustração em alguns livros didáticos do

ensino médio e fundamental, como os livros de WILLIAM VESENTINI, REINALDO SCALZARETO e MELHEM ADAS, e que se tornaram clássicos como livros para as séries mais importantes na formação do aluno.

E nisso podemos observar um sentido um tanto equivocado de privilegiar à expressão “subdesenvolvido” e colocar o Brasil, por exemplo, como “país subdesenvolvido industrializado”. Dessa maneira, seria impossível que países pobres pudessem se organizar na medida em que haveria um determinismo histórico e econômico onde não haveria essa possibilidade, em decorrência do “subdesenvolvimento”.

Nossa tese é que temos que fazer uma nova leitura em relação à organização interna dos países periféricos e de sua relação com os países ricos. E dessa feita, simplesmente afirmar que são países subdesenvolvidos, e, portanto, estariam condenados a pobreza eterna e a dependência em relação a esses países, no nosso entendimento, merece uma mudança de abordagem.

É claro que não podemos mudar instantaneamente essa concepção observada nos livros didáticos de Geografia, que por sinal, é verdadeira. O PROBLEMA É A MANEIRA COMO É ABORDADA, COMO TIVESSEMOS UMA SÓ INTERPRETAÇÃO. A realidade é muito mais complexa do que simplesmente rotular a dependência como forma de subordinação aos mais ricos, tornando IMPOTENTE QUE OS PAÍSES PERIFÉRICOS, EM SI, POSSAM SE ORGANIZAR.

É dentro dessa linha que queremos orientar o aluno da graduação em Geografia, que, a questão da organização dos países periféricos em blocos regionais, principalmente de orientação econômica, é um fato relativamente recente. E mais importante: em função da crise do capitalismo nesse início de século, ao que tudo indica, esses blocos regionais terão cada vez mais importância no futuro e principalmente no destino de suas populações pobres.

Observa-se também que a organização desses países em blocos é realizada em termos regionais e não necessariamente continentais. Naturalmente em função dar maior proximidade geográfica e de identidade histórica e cultural dos países.

Para uma definição bem simples do que significa Blocos Econômicos, extraímos a seguinte dicção:

“O que são Blocos Econômicos? São associações de países, em geral da mesma região geográfica que estabelece relações comerciais privilegiadas entre si e atuam de forma conjunta no mercado internacional. Um dos aspectos mais importantes na formação dos blocos econômicos é a redução ou a eliminação das alíquotas de importação com vistas à criação de zonas de livre comércio.” (Bezzera Jr. 2001. Página 01).

Em síntese, o sentido da formação desses blocos é justamente evitar o fortalecimento da dependência econômica e maior autonomia política, e por ser mais recente, demonstra um grande potencial para que no futuro decisões cruciais em relação à parcela significativa da humanidade que reside nesses países, possam sair da condição de pobreza.

Por outro lado, não podemos também esquecer que esses blocos estão priorizando mais o interesse de empresas aí sediadas do que as sociedades desses países. Isso é verdadeiro e não podemos contestar. Ou seja, estabelecem o bloco justamente para atender o interesse dessas empresas, e esse é também o sentido de blocos como o MERCOSUL, APEC e ASEAN. Dessa questão não se pode duvidar.

Entretanto, a continuidade e o fortalecimento desses blocos regionais periféricos poderão em médio prazo, devido às constantes assinaturas de termos de cooperação, intercâmbio, convênio, termos de ajustamento, etc. trazer grandes benefícios às populações, em especial na questão da educação, saúde e principalmente renda.

A DIFERENCIAÇÃO OPERACIONAL DOS BLOCOS ECONÔMICOS NOS PAÍSES PERIFÉRICOS

É evidente que os blocos econômicos existentes nos países da periferia do capitalismo não chegaram ao nível sofisticado e avançado da União Européia, quando a questão do livre comércio, do livre trânsito dos trabalhadores e principalmente de uma só moeda; demarcam essa realidade. SEQUER OS PAÍSES PERIFÉRICOS FORMARAM UMA REGIÃO DE LIVRE COMÉRCIO. O que entende que estes países estão ainda em processo de consolidação dos blocos, e que na verdade perpassa também nas questões de natureza política.

Apesar desse “atraso histórico” entre eles podemos observar diferenças e contradições. Nesse caso, os seguintes aspectos:

Blocos consolidados e de representação internacional – primeiro é bom observar que o nosso material estabelece uma metodologia própria de análise, não se preocupando com outras abordagens já desenvolvidas e que estão mais concentradas na área das Relações Internacionais ou do Direito Internacional Público.

Por esta linha, podemos observar os seguintes blocos econômicos situados nesses países:

NAFTA – corresponde à área de livre comércio do Canadá, Estados Unidos e México, e o primordial nessa organização de função meramente comercial seria esse salto para um processo de livre trânsito de mercadoria não demonstrado nos outros blocos periféricos.

Esse processo ocorre em função, naturalmente, dos interesses comerciais dos dois países ricos que integram o bloco e da mera função secundária do México nesse processo.

Criado em 1994, o NAFTA pode ser considerado como uma organização de grande representação comercial nas relações internacionais, pois seus membros representam mais de 30% da economia mundial.

Por outro lado, acreditamos que o aluno deve perceber que não poderíamos colocar o NAFTA como bloco da periferia do capitalismo, mas o

México tem uma função central nessa área de livre comércio, em especial na necessidade de fornecer recursos naturais (como o petróleo), mão-de-obra barata e “paraíso fiscal” para empresas americanas em território mexicano.

1.2 – MERCOSUL – É uma das organizações mais problemáticas, mas ao mesmo tempo mais desafiadoras entre os países periféricos. A guerra comercial entre alguns segmentos industriais, a restrição para entrada de outros membros, tem construído dificuldades de ampliação do bloco.

Entretanto, a presença do Brasil como principal membro, o bom crescimento econômico dos demais países na primeira década do século XXI estabelece uma excelente possibilidade de se tornar o bloco economia regional da periferia de maior influência nas relações comerciais internacionais.

1.3 – APEC – É uma organização de cooperação econômica formada por países do continente asiático e do Pacífico. Tem uma extensão geográfica maior que a ASEAN, além de integrarem países de níveis de desenvolvimento diferenciados, como a Austrália e algumas ilhas do Pacífico. Efetivamente ainda não formaram como área de livre comércio, e tem o mesmo formato semelhante ao MERCOSUL. Por outro lado, não pode ser comparado ao NAFTA, que, mesmo com a integração de dois países com bom nível de desenvolvimento social e econômico, não existe desigualdade em termos de relação de poder entre os países menores e estes países.

Blocos Não Consolidados e problemáticos em sua operacionalização – Caracterizam-se como blocos onde seus países de menor representação econômica em nível mundial e são frágeis entre si, devido à forte influência de empresas transnacionais. Podemos destacar dois blocos: SADC, que integra países da África meridional, a CARICOM, que integra o mercado dos países do Caribe e ASEAN, que integra os países do sudeste asiático.

Esses blocos são desconhecidos e atuam de forma mais regionalizada, não havendo grande rebatimento dentro das relações comerciais internacionais.

Megablocos – este pode ser representado pela ALCA e pela CEI (Comunidade dos Estados Independentes) e que na verdade não atuam em termos efetivos como zona comercial, restringindo-se apenas a realização de protocolos intencionais. A primeira caracteriza-se por uma zona de livre comércio das Américas, “engolindo” o NAFTA e o MERCOSUL, mas sua operacionalização econômica só poderá ser realizada com a concordância se os países podem ou não participar dessa zona.

É evidente que a ALCA não pretende substituir as organizações já existentes, mas naturalmente tem interesse em superar essas organizações, com interesse de atender o poder econômico dos Estados Unidos e do Canadá sobre o continente americano.

Quanto a CEI, criado após a destituição da União Soviética, é formado pelas repúblicas da Ex-URSS, sendo mais de natureza política do que propriamente econômica. Como são repúblicas pobres e compostas por várias etnias, enfrentam problemas no que se refere à tradição democrática (todas são autoritárias), baixo nível de industrialização e detentoras de grandes extensões territoriais.

Quanto às disputas internas nessas organizações dos países periféricos, a grande questão estaria nos níveis de industrialização diferenciadas e principalmente da ordem de prioridade que seus membros podem realizar no mercado internacional. Ou seja, quando existem dificuldades para escoar seus produtos e serviços, os países recorrem a essas organizações, mas havendo facilidades nesse escoamento, estes desprezam e vendem diretamente os produtos sem necessariamente passar pelos mercados regionais.

CONCLUSÃO

As disputas internas nessas organizações dos países periféricos, a grande questão estaria nos níveis de industrialização diferenciadas e principalmente da ordem de prioridade que seus membros podem realizar no mercado internacional. Ou seja, quando existem dificuldades para escoar seus produtos e serviços, os países recorrem a essas organizações, mas havendo facilidades nesse escoamento, estes desprezam e vendem diretamente os produtos sem necessariamente passar pelos mercados regionais.



RESUMO

Finalmente podemos fechar essa aula com uma concepção inusitada: porque esses blocos enfrentam tantos problemas internos, sequer aperfeiçoaram a fase da formação real de livre comércio? Será que a situação de periferia do capitalismo seria um dos motivos.

Uma questão é clara: a globalização da economia forçou a formação desses organizações supranacionais, inclusive como necessidade de resguardar o competitivo mercado internacional e também da influência da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Nessa linha, é claro que a situação histórica e socioeconômica desses países influenciam na reduzida organização desses blocos e suas necessidades individuais são maiores que as coletivas, e esses blocos são criados justamente para atender esses interesses e proteger na guerra comercial internacional que aumentou com a globalização da economia.

Em relação ao nível de organização comunitária observada na União Europeia, essa realidade está longe para estes blocos econômicos situados nos países periféricos na medida em que dificuldades de natureza operacional, os problemas internos e principalmente as disputas de poder político; todos eles favorecem no pouco desenvolvimento desses blocos, mesmo que um deles, o NAFTA, tem apresentado mais avanços. Somando-se também que o potencial do MERCOSUL e suas propostas de inclusão de novos países, bem como dos blocos asiáticos, possa realmente “alavancar” essas organizações para as próximas décadas.



ATIVIDADES

1. Responda qual o significado das siglas a seguir, bem como seus principais membros: MERCOSUL, NAFTA, APEC, ASEAN, SADC e CARICOM.
2. Qual o significado da expressão “protecionismo econômico” e que benefícios podem trazer aos que defendem essa política comercial?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Certamente o tema dessa aula ainda pode ser aprofundado, mesmo que seja uma temática clássica no tema acadêmico organização do espaço mundial. Estudar os Blocos Econômicos é focar a dinâmica da globalização econômica.



PRÓXIMA AULA

O aluno não deve esquecer o tema da próxima aula, onde vamos tratar das conhecidas características sócio-econômicas dos Países Periféricos tema muito comum nos livros didáticos, entre elas a questão da dependência econômica.



AUTOAVALIAÇÃO

O tema que escolhemos é uma continuidade de temas relacionados à Globalização. Classifico como de fundamental importância, em especial na singularidade dos blocos voltados ao fortalecimento dos países periféricos.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA JÚNIOR, Wilson Fernandes. Comércio Internacional e Blocos Econômicos. In **ADCONTAR**, Belém, V.2 n. 1, página 07-10, 2001.
- CORREIA, Sérgio Mourão. **Tratados Internacionais e Integração**. s/d.
- CHOMSKY, Noam. **Minoria Próspera e a Multidão Inquieta**. s/d.
- HASBAERT, Rogério. **Os Blocos Internacionais de Poder**. São Paulo: editora Contexto. 2001.
- SCALZARETO, Reinaldo. **Geografia Geral**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- SANTANA, Ceuciliz. **A configuração do mundo em Blocos Econômicos**. s/d.
- VESENTINI, William. **Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: editora Ática, 2000.